

**VI Colóquio Internacional**

**“Educação e Contemporaneidade”**



**São Cristovão-SE/Brasil  
20 a 22 de setembro de 2012**

## **OS DESAFIOS DO DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR FRENTE ÀS PERSPECTIVAS INOVADORAS DA TECNOLOGIA**

Luiz Gustavo da Silva Bispo<sup>1</sup>  
Maryele Freire Santos<sup>2</sup>

### **EIXO 08: Tecnologia, Mídias e Educação**

#### **RESUMO**

Enfatizando as mudanças ocorridas no âmbito educacional, bem como o perfil do educador frente às novas tecnologias voltadas para a educação, o presente artigo busca enfatizar as novas possibilidades para a educação brasileira a partir de uma perspectiva inovadora, mostrando que alunos e professores podem entender as novas tecnologias, bastante utilizadas na contemporaneidade como um subsídio para prepará-los ainda mais, em tempo real, às exigências do nosso século.

Palavras-chave: ensino superior; professor; tecnologia.

#### **ABSTRACT**

Emphasizing the changes in the educational as well as the profile of the teacher in the face of new technologies for education, this article seeks to highlight the new possibilities for Brazilian education from a fresh perspective, showing that students and teachers can understand the new technologies, widely used nowadays as a grant to prepare them further in real time, the demands of our century.

**Key words:** higher education; teacher; technology.

#### **INTRODUÇÃO**

Antigamente contávamos com recursos exclusivos da prática escolar, o uso de lápis, caderno, giz, quadro negro, e estes, considerando as exigências daquela época, eram satisfatórios e traziam os devidos resultados para a prática escolar. Hoje, em pleno século XXI, diante de tantos avanços tecnológicos, podemos ter como subsídios para a prática docente um arcabouço de instrumentos que aprimoram e trazem inúmeros resultados para esse processo. Podemos definir tais recursos como Novas Tecnologias Educacionais, recursos didáticos pedagógicos que tendem a contribuir para o processo de ensino-aprendizagem, sendo importante dizer também que tais instrumentos quando não conciliados com a realidade social e cultural do alunado, poderá acarretar sérios problemas para essa prática.

Da primitiva sociedade a sociedade virtual, o homem vem se tornando, cada vez mais, dependente das tecnologias da informação e da comunicação. A abrangência das redes de computadores fez surgir uma nova economia e um novo conceito de sociedade, a sociedade do excesso, que têm exigido dos sistemas educacionais a formação de um cidadão do/para o mundo, capacitado a empregar os recursos tecnológicos para a aquisição e construção de conhecimento. A partir deste pensamento entendemos os problemas que a escola enfrenta para integrar tecnologia e pedagogia, de forma a atender às exigências do mercado e os interesses do homem moderno, enquanto lida com as mudanças de paradigmas geradas pelas modernas tecnologias da informação, comunicação e as dificuldades dos professores para utilizar tais instrumentos como ferramenta para subsidiar o processo de ensino/aprendizagem.

Hodiernamente a disposição de mais acesso à informação e interatividade virtual tem sido um dos maiores desafios para os gestores das IES (Instituição de Ensino Superior), visto que ainda existe inflexibilidade dos professores em considerar a tecnologia como uma aliada no sistema de aprendizagem. Por outro lado, há algo que preocupa nas questões de aprendizagem, de como educar cada pessoa, e esta, saber filtrar e selecionar as melhores informações trocadas e recebidas pela web.

Não tendo para onde “fugir”, as atuais IES terão um grande e complexo leque de inovações que deverão ser implementadas, adequando-se às tendências dos novos paradigmas, exigidos por nossa atual sociedade do “excesso”. Essas adequações devem ser realizadas de forma equilibrada e contínua, sem perder de

vista os valores primordiais das bases de uma educação sólida e democrática, visando ganho de valores para toda sociedade, visto que não podemos criar ou recriar um sistema onde a tecnologia seja aliada da educação, sem a conscientização de todos os participantes desse processo: professores e alunos, e todos que de forma direta ou indireta fazem parte desse processo; e que receberão os resultados daquilo que for semeado no hoje.

O presente artigo busca tratar dos Desafios do Docente no Ensino Superior frente às perspectivas inovadoras da Tecnologia, no sentido de elencar estes em paralelo com a prática do professor em sala de aula, bem como, a aceitação ou não por parte dos discentes, jovens inseridos num novo mundo, cercados por instrumentos de cunho tecnológico, que podem agregar conhecimentos, quando respeitados o contexto social e a cultura do alunado a fim de não haver a promoção de choque cultural.

Exploraremos também a mediação do professor, grande diferencial no uso das inovações educacionais no que concerne ao uso de recursos tecnológicos, objetivando que o mesmo promova um ambiente participativo, interativo e vivencial, através dos instrumentos tecnológicos, enxergando-os como um facilitador em seu processo de ensino-aprendizagem, e não veja tais avanços como uma ameaça para a sua prática. O mesmo deverá, quando necessário, reciclar ideias, atitudes e pensamentos quando preciso, a fim de acompanhar esse avanço.

## **Evolução Histórica do Ensino Superior**

As primeiras Universidades surgiram na Europa por volta dos séculos XI e XII. A primeira em Bolonha, na Itália, especializada em direito. Na segunda metade do século XII, surgiu a mais famosa das instituições medievais de Educação Superior em Paris. Estas instituições surgiram num contexto favorecido pelas Cruzadas que constituíam um imenso processo de deslocamento pela sociedade:

Estudantes deslocavam-se de grandes distancias para ouvir mestres que colocavam questões, que geralmente envolviam a validade dos “universais”, isto é, dos conceitos gerais aplicáveis a toda uma classe de coisas, ensejando a questão de saber se tais conceitos tinham

existência em si ou se, contrariamente, somente as coisas singulares realmente existiam. (CASTANHO, 2000, p. 17).

O processo de formação da Universidade medieval surgiu como forma de evitar as influências dos interesses da Igreja e do Estado, constituído por grupos de professores e alunos, porém acabava obtendo um perfil de organização da época.

Entre os modelos utilizados na idade medieval destacam-se: modelo idealista alemão, modelo imperial napoleônico, modelo elitista inglês e o modelo utilitarista norte-americano, que em resumo voltaram-se para o desenvolvimento dos cidadãos e da construção de uma sociedade voltada para o progresso.

A partir deste entendimento Castanho (2000) apresenta uma comparação dos modelos acima mencionados com os modelos contemporâneos denominados modelo democrático-nacional-participativo, que valorizava a democracia do pensamento humano do país com a participação na prática da Universidade, e o modelo neoliberal-globalista-plurimodal, não mais voltados somente para os interesses da Nação, mas para as exigências do mercado globalizado que passa então a ter várias formas.

## **A Universidade no Brasil**

O Brasil constitui uma exceção na América Latina: enquanto a Espanha espalhou universidades pelas suas colônias – eram 26 ou 27 ao tempo da independência –, Portugal, fora dos colégios reais dos jesuítas, nos deixou limitado às universidades da Metrópole: Coimbra e Évora. (Teixeira, 1999, p. 29).

Tal afirmação da falta da universidade no Brasil no período colonial, comparada com as colônias espanholas, causa diferentes discussões entre autores em diferentes épocas.

Não havia, pois, na Colônia estudos superiores universitários, a não ser para o clero regular ou secular [...] para os que não se destinavam ao sacerdócio, mas a outras carreiras, abria-se, nesse ponto de bifurcação, o único, longo e penoso caminho que levava às

universidades ultramarinas, à de Coimbra [...]. (Azevedo, 1971, p. 532).

Azevedo (1971) descreve a tentativa fracassada da Câmara da Bahia, em 1671, de conseguir a equiparação dos colégios locais ao de Évora, resultando na provisão de 16 de julho de 1675, por meio da qual se autorizava levar em conta em Coimbra e em Évora, um ano de artes, para os estudantes de retórica e filosofia que tivessem as aulas dos jesuítas na Bahia. A partir dessa ideia, segundo o autor, “se fecharam todas as perspectivas para a criação no Brasil colonial, de cursos superiores destinados à preparação para as profissões liberais.” (p. 532-533).

Somente com a transferência da Corte para o Rio de Janeiro é que foram criadas as instituições de ensino superior por D. João VI, estas, na sua grande maioria, estavam diretamente articuladas à preocupação com a defesa militar de colônia, tornada então a sede do governo português. A partir daí vários cursos foram criados, na Bahia e no Rio de Janeiro, todos eles voltados para a preocupação de criar uma base sólida que garantisse a sobrevivência da Corte na colônia. Esses cursos de modalidade técnica criados por D. João VI, depois de passarem por diversas reorganizações, divisões e fusões, constituíram as faculdades profissionalizantes que se mantiveram até a República.

A necessidade da constituição de uma universidade no Brasil não ficou para trás, e ao longo de primeiro e segundo impérios ainda sofreu com a constante resistência de diferentes grupos políticos na história do nosso país. Teixeira (*op. cit.*) refere-se a que nada menos de 42 projetos de universidade são apresentados a essa época, do de José Bonifácio ao de Rui Barbosa, sendo, entretanto, sistematicamente recusados pelo governo e pelo parlamento (p. 83).

Nos anos seguintes ao período imperial decorreu-se a formação e instalação do novo regime, onde se difundiram novos debates sobre a educação do país. Somente em 1920 é que se formou a primeira instituição de ensino superior, a Universidade do Rio de Janeiro, embora desde 1915 essa criação já estivesse autorizada.

No período dos anos 50 e 60 o ensino superior no Brasil ainda sofria impacto das duas ideologias que se constituíram na base de sustentação dos governos que se sucederam até 1964, e que trouxeram tendências diferentes que marcaram esse

período. Segundo Cunha (1983) algumas características foram primordiais para o processo de expansão do ensino superior. O número de universidades existentes no país aumentou de 5, em 1945, para 37, em 1964. E nesse mesmo período as instituições isoladas aumentaram de 293 para 564.

A partir desse contexto surgem as demandas de desenvolvimento econômico e social para vencer o paradigma, até então vigente para o ensino superior, sendo colocado em questão o influxo da sociedade para alimentar a proposta de modernização do nível de ensino no país.

### **Novos desafios na formação do professor universitário**

De acordo com Silva (2002), a educação para todos não pode ficar alheia à revolução das ciências e dos meios de comunicação de massa; a formação dos professores de amanhã precisaria romper com o tradicional, buscando o enfrentamento aos desvios da cultura tecnológica e consumista e na apropriação do pensamento científico e dos meios de comunicação, de modo a dominá-los e a servir-se deles, assegurando a todos a educação capaz de enriquecer a vida no planeta.

O que vem fazer uma considerável diferença é a mediação do professor, que poderá criar um ambiente participativo, interativo e vivencial, através dos instrumentos tecnológicos, como um facilitador em seu processo de ensino-aprendizagem, tornando aquilo que poderia ser uma ameaça, como uma ferramenta positiva para a sua prática. Para isso, os empresários precisam ter a visão globalizada e investir constantemente na capacitação destes docentes, aliando o processo de ensino-aprendizagem às novas ferramentas tecnológicas já existentes, muitas vezes já utilizadas pelo aluno que acabou de entrar na faculdade.

As mudanças verificadas no Ensino Superior, influenciadas pelo o avanço da tecnologia, especificamente pela internet, demandam hoje um profissional com características muito diferentes daquelas que foram reconhecidas como importantes no passado.

Requer-se um professor capaz de utilizar novas tecnologias. Que saiba utilizar editores de textos, explorar as potencialidades didáticas dos programas em relação aos objetivos do ensino e seja capaz de comunicar-se a distância por meio da Internet e de outras tecnologias. (PERRNOUD, 2000).

Dessa forma entendemos que o papel do professor deve mudar. De transmissor de conhecimentos, ele passa a ser facilitador de aprendizagens, devendo: privilegiar o ambiente cultural dos grupos; treinar a capacidade de aquisição e assimilação crítica da informação pelos alunos; fomentar a interatividade do ensino com grande participação dos alunos e utilizar métodos diversificados de ensino e de ampla informação inovadora. Para se enquadrar nesta nova dinâmica de ensino-aprendizagem, os professores têm que estar abertos a processos de mudança de instrução profissional e pessoal e devem refletir criticamente sobre os próprios métodos de ensino.

Entretanto, diversas críticas têm sido feitas a postura dos professores que conferem maior ênfase ao ensino. Segundo Paulo Freire (2002, p. 86),

a narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá enchendo os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixarem totalmente “encher”, tanto melhores educandos serão.

Dessa forma o professor assume a postura de “catalisador” no processo de ensino, processo este que desde sua concepção vem sofrendo aperfeiçoamento constante, o método de aprendizagem evolui e, portanto se faz necessária a evolução deste profissional, ou seja, ajustar-se as novas práticas didáticas, ao novo perfil dos alunos oriundos de uma sociedade em constante mudança. O uso das TICs será primordial neste processo de desenvolvimento.

## **Tecnologias na Educação**

Segundo Oliveira (1997, p. 9), a denominação tecnologia educacional não despontou no Brasil com uma única conceituação: “Desde a sua chegada, os

educadores depararam com diferentes conceitos que se caracterizam pela compreensão diferenciada do papel dos instrumentos tecnológicos no processo educativo”.

Com isso entendemos que a Tecnologia Educacional está relacionada como instrumento de apoio ao projeto político-pedagógico de uma Instituição de Ensino e ao contexto social em que se insere. Como ferramenta de apoio as tecnologias podem ser utilizadas de diferentes formas.

Antigamente contávamos com recursos exclusivos na prática escolar, o uso do lápis, do caderno, do giz, do quadro negro, porém hoje, podemos ter como subsídios para a prática docente um arcabouço de instrumentos que aprimoram e trazem inúmeros resultados para esse processo. Atualmente a televisão, o vídeo, o rádio, o computador e a Internet são importantes recursos auxiliares ao processo de ensino-aprendizagem, que de uma forma ou de outra, já estão presentes no dia-a-dia dos alunos, contudo devem ser trazidos para dentro da sala de aula para serem utilizados de forma criativa, crítica e construtiva, tornando o processo de aprendizagem mais rico e dinâmico.

Urge, pois, inserir as diversas tecnologias da informação e das comunicações no desenvolvimento dos cursos de formação de professores, preparando-os para a finalidade mais nobre da educação escolar: a gestão e a definição de referências éticas, científicas e estéticas para a troca e negociação de sentido, que acontece especialmente na interação e no trabalho escolar coletivo. (André, 2004, p.25).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A inserção das novas tecnologias em sala de aula desafia o professor a abandonar o posto de detentor do conhecimento, passando a ter a responsabilidade de vivenciar a troca de experiências a partir da evolução dos recursos didáticos tais como livros, textos e projetos mais amplos. Quando o professor Universitário busca essa inovação, trazendo tais recursos para a sua classe, o mesmo está preocupando-se em formar profissionais altamente alinhados às novas exigências do mercado.



Quando o educador do Ensino Superior, especificamente falando, abraça esse desafio, está automaticamente aderindo à reavaliação de suas estratégias pedagógicas, fazendo-o em tempo real, através de uma formação continuada. Vale dizer também que as novas tecnologias têm um caráter que supera as barreiras geográficas, abrindo possibilidades para a formação dos educadores no sentido de acompanhar essas novas formas de ensinar/aprender, além de promover a interatividade.

O uso da Internet, por exemplo, permite inúmeras possibilidades envolvendo diversos conteúdos, através da interdisciplinaridade e ampliando as pesquisas. Essa última, por sua vez, responsabilizará o aluno a ser um participante na troca de conhecimento em sala de aula, responsabilizando também o professor a dominar essa nova linguagem, advinda das novas tecnologias.

Diante de tantas expectativas e inovações, por parte dos discentes, docentes e toda sociedade, temos que enfrentar os desafios do futuro, traçando hoje, metas para conquistar uma qualidade de ensino em longo prazo, pois não construiremos uma sociedade com ensino de qualidade sem a construção de uma base sólida por parte daqueles que dela usufruírem. Esta interação de todos ultrapassará a mera constatação da correção ou incorreção de uma dada solução, passando a ser uma relação crítica, construtiva, componente essencial no processo de desenvolvimento que se quer ser mútuo. Esses novos conceitos de aprendizagem os conduzirão ao exercício reflexivo e de uma compreensão multidisciplinar, contribuindo desta forma para novos paradigmas de sucesso.

---

<sup>1</sup> Pedagogo, graduando em Psicologia e Pós Graduando em Docência do Ensino Superior. E-mail: l.gustavosb@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Administradora, graduanda em Psicologia e Pós Graduanda em Docência do Ensino Superior. E-mail: maryelefreire@yahoo.com.br

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

---

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**. São Paulo. Melhoramentos/Editora da USP. 1971.

CASTANHO, Maria Eugênia L. M. Professores e inovações. In: CASTANHO, Sérgio e CASTANHO, Maria Eugênia L.M. (Org.). **O que há de novo na educação superior**. 2. ed. Campinas: Papirus, 2000.

CASTANHO, Sérgio E. M. **A universidade entre o sim, o não e o talvez**. In: CASTANHO, Sérgio e CASTANHO, Maria Eugênia L. M. (Org.). **Pedagogia universitária: A aula em foco**. 3. ed. Campinas: Papirus, 2000.

CERVO, Amado Luiz e BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia Científica**. 5ª edição. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CUNHA, Luiz Antonio, **A universidade crítica: o ensino superior na República populista**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S/A, 1983.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia do oprimido**. 38. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GONÇALVES, Hortênciade Abreu. **Manual de monografia, dissertação e tese**. São Paulo: Editora Avercamp, 2004.

LUCKESI, C. **A avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 1995.

OLIVEIRA, Ramon de. **Informática educativa: Dos planos e discursos à sala de aula**. 8. ed. Campinas: Papirus, 1997.

PERRENOUD, Phillippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2002.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação no Brasil**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ. 1999.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Avaliação: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar**. São Paulo: Libertad, 1995.

